

XIENAPOL

TEXTOS DE ORIENTAÇÃO

**PRESENTISMO E NOVAS MODALIDADES
NARRATIVAS: EFEITOS SOBRE O
SUJEITO-SUPOSTO-SABER**

Jésus Santiago



Presentismo e novas modalidades narrativas: Efeitos sobre o sujeito-suposto-saber

Jésus Santiago - EBP

Deparo-me, com frequência, com situações clínicas que me fazem interrogar sobre a aplicabilidade do *sujeito suposto saber* aos mais diversos estilos de vida contemporâneos. É Lacan quem propõe que no “começo de uma psicanálise está a transferência” (LACAN, 2003, p. 252). Precisa-se inclusive que se a transferência se constitui como uma “objeção à intersubjetividade” é porque “o *sujeito suposto saber* é o eixo a partir do qual se articula tudo que acontece na transferência” (LACAN, 2003, p. 252-253). Pergunto-me, por exemplo, se o chamado “presentismo” (HARTOG, 2013, p. 12-13)¹, com suas operações narrativas próprias, não acarreta consequências pouco favoráveis para a instalação do laço transferencial. A ideia do “presentismo” aparece, para o historiador François Hartog, como a repercussão da ascensão vertiginosa de um presente invasivo, maciço e onipresente (HARTOG, 2013, p. 39-40). Isso significa que a experiência do tempo, para as diversas épocas, é múltipla. Portanto, é preciso reconhecer que o chamado fenômeno do “presentismo” impõe à prática do analista novas modalidades de narrativa que, certamente, repercutem sobre a própria concepção de transferência.

O núcleo reversivo do tempo no *sujeito suposto saber*

Sugiro a hipótese de que há uma questão relativa à incidência da operação narrativa do *presentismo* sobre o modo com que se estabelece o laço transferencial. Conceitua-se o *sujeito suposto saber* como a extração de uma configuração particular da cadeia significante que remete às características próprias do chamado sujeito cartesiano (LACAN, 1966, p. 853)². Com efeito, o sujeito cartesiano se define pela relação que mantém com a cadeia significante visto que, para ele, ela toma a forma de uma

¹ Como esclarece o François Hartog, o emprego do neologismo “presentismo” não remete a nenhuma realidade dada e tampouco observável. Não se presta, portanto, às grandes caracterizações das épocas civilizatórias, muitas vezes assimiladas como entidades incertas e vagas. Trata-se, segundo ele, de um *artefato* conceitual que valida o seu alcance interpretativo ao ser capaz de captar as grandes escansões na experiência com o tempo em diferentes regimes da vida social, os quais se apropriam, de modo distinto, do passado, do presente e do futuro.

² “O sujeito qualificado como cartesiano constitui-se como o pressuposto do inconsciente, como Lacan pôde demonstrar ao longo do Livro 11 do Seminário, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

cadeia dedutiva, cujos elementos se articulam entre si por uma causalidade e uma temporalidade próprias. Se a experiência analítica viabiliza a introdução do inconsciente como um sujeito dotado de uma matriz de combinações significantes calculáveis, ela introduz também uma temporalidade entre esses elementos que é inteiramente singular.

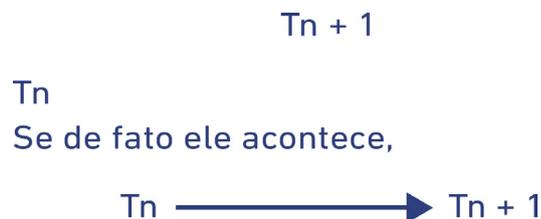
Essa cadeia dedutiva que se exerce em concomitância com o desenrolar da sucessão temporal dos elementos da cadeia significativa, Lacan pôde denominá-la de “núcleo de um tempo reversivo” (LACAN, 1966, p. 853). Portanto, o que é crucial para a prática analítica não é a história nem o sentido, mas o tempo heterogêneo e irregular que se produz por meio da apreensão do fator libidinal próprio do objeto *a*, inerente à operação da transferência. Isto acontece porque o objeto *a* é o fator que desregula o desenrolar uniforme do tempo (MILLER, 2000, p. 67). Se esse desenrolar uniforme se confunde com a história, o sentido ou a realidade, desregulá-lo é favorecer a emergência do real do tempo capaz de estabelecer no sujeito outra relação com a *fala*, relação necessária à experiência do inconsciente. Em consonância com esse tempo real, a transferência é definida, por Lacan, como “uma relação essencialmente ligada ao tempo e ao seu manejo” (LACAN, 1966, p. 858).

Se é da natureza do tempo ir em direção ao futuro ou ao passado, o que a transferência introduz como algo inédito é que o modo passado do tempo se atualiza pela presença do analista enquanto semblante do objeto *a*. A presença do analista se faz necessária para que se efetue a inscrição do presente no modo passado pois, ao encarnar para o analisante o fator perturbador do objeto *a*, a transferência “torna o tempo inomogêneo, isto é, gera compressões e dilatações do presente” (MILLER, 2004, p. 85). Esclarece-se, assim, que o tempo do analisante (**T1**) é o tempo que progride, enquanto o tempo do analista (**T2**) é o tempo que retroage sobre a fala do sujeito. Esse segundo tempo (**T2**) é o *sujeito suposto saber* na medida em que se trata do tempo que o analista representa para o analisante. Na transferência, não é o *saber* que conta, mas o *sujeito suposto saber* que, por sua vez, requer a presença do analista como o operador capaz, em primeiro lugar, de redirecionar o presente para o passado e, em segundo lugar, de reportar esse passado no presente (MILLER, 2004, p. 77).

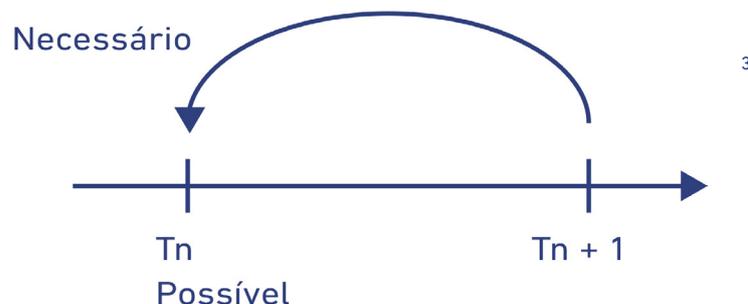
A transferência à luz do paradoxo do futuro contingente

Essa temporalidade em que o sujeito trafega pela cadeia significativa recebeu o nome de *efeito sujeito suposto saber*, tendo em vista que é ele que confere significação à relação causal entre os vários elementos passados ou futuros de sua existência. Para tratar dessa temporalidade própria da cadeia significativa inconsciente, recorre-se ao “paradoxo do futuro contingente” (Miller, 2000,

p. 25), aplicável ao funcionamento do *sujeito suposto saber*. Como já se referiu antes, se o sujeito se apresenta no tempo **T_n**, um acontecimento pode ter lugar, com ele, no tempo futuro **T_{n+1}**. Na verdade, ele pode ocorrer ou não ocorrer.



então sempre será verdadeiro que ele ocorreu no passado. É aqui que aparece a significação própria do *sujeito suposto saber*, pois será sempre necessário e verdadeiro que ele tenha acontecido no passado. Em outros termos, para a significação que o sujeito confere ao acontecimento **T_{n+1}**, é impossível que o que ocorreu no passado possa não ter acontecido. O essencial desse paradoxo é explicar de que modo a reversão temporal transforma o possível em necessário. Em suma, o que está em questão é o fato de que o acontecimento passado possa ser, retroativamente, significado como necessário (MILLER, 2000, p. 26). Portanto, em **T_n**, o que ocorrerá no futuro (**T_{n+1}**) é simplesmente possível. Assim, se em **T_{n+1}** isso aconteceu, tornou-se efetivo, aparece a significação dessa efetividade. É simplesmente porque se reprojeta essa efetividade no sentido contrário – ou seja, do presente em direção ao passado – que se pode dizer que o acontecimento passado já era necessário. Segundo Miller, “é a instância do tempo que sempre relega o possível rumo ao necessário, é a instância do tempo que faz advir a necessidade lógica do ‘estava escrito’” (MILLER, 2004, p. 77). Em última instância, se o acontecimento é sempre contingente – marcado por uma abertura dos possíveis –, o *sujeito suposto saber*, por sua vez, é sempre a introdução de uma significação que capta a causalidade do acontecimento passado como necessária.



³ Miller, J.-A., *La erótica del tiempo*, Buenos Aires, Tres Haches, 2000, p. 26.

É o caso de dizer que o *presentismo* coloca dificuldades para a instalação do *sujeito suposto saber*, pois este consiste na estrutura temporal que exige a escritura do passado no presente. Retroativamente, o *sujeito suposto saber* apreende uma relação necessária entre um acontecimento passado e o presente. Trata-se de uma relação causal que supõe um sujeito que se capta afetado pela materialidade significativa que se constituiu no tempo passado. Essa articulação entre a temporalidade retroativa do passado no presente e a cadeia significativa concerne, a meu ver, à conceituação mais refinada do *sujeito suposto saber*.

Só há diferentes maneiras de falhar

Ao longo do Seminário *Mais ainda*, Lacan chega a dizer que a experiência do sujeito com a palavra, sobretudo no que concerne ao seu significado, tende a tornar-se *rotina*. Não há razão para qualquer veleidade quanto à preponderância das leis da linguagem e da palavra e prevalece, com efeito, a perda da força poética e interpretativa do simbólico. O simbólico se mostra transfigurado pela afetação da disjunção radical entre o significativo e o significado, o que torna necessário passar pela “boa rotina” do laço social para que o vazio do significado possa ser preenchido com algum sentido (LACAN, 1982, p. 58). É possível constatar, no cotidiano da prática analítica, situações em que a experiência do sujeito com a *fala* padece do relativismo que denota a sua natureza de artefato, muitas vezes esvaziada de sentido e impotente para lidar com o impossível de suportar do sintoma. É possível afirmar que a função da palavra, tal como acontece no caso do *presentismo*, é um indício de que o avanço do trabalho analítico não ocorrerá se o analista permanecer à espera da emergência do laço transferencial confundido com o *sujeito suposto saber*.

Creio que o funcionamento da tríade clássica sintoma-demanda-transferência, própria da clínica do retorno do recaiado, está posto em questão em muitos casos de jovens que procuram o tratamento analítico. As novas configurações da transferência não se assentam do lado do sujeito dividido; ao contrário, elas parecem se colocar em relação à proliferação da função de **S1**, em uma época em que o sintoma do tipo anoréxico ou toxicomaniaco – sintomas ditos corporais, muitas vezes confundidos com as chamadas psicoses ordinárias – não constitui, no sentido usual do termo, formações do inconsciente. Vale dizer que esses sintomas não se apresentam por meio do regime significativo ordenado pelo Nome-do-Pai, mas, sim, pelas práticas pulsionais que se evidenciam como técnicas vitais de gozo, que contrastam com o sujeito do inconsciente. Se o sintoma aparece mais do lado de S1, ele dificilmente poderá se articular à demanda, pois esta tem seu fundamento na privação de ser do sujeito, ou seja, na sua divisão.

Do mesmo modo que nossa época experimenta os limites da interpretação semântica, a condução da transferência gera também questionamentos quanto ao seu manejo. A estratégia transferencial deixa de estar inteiramente referida à articulação entre o sintoma e a demanda e, portanto, não pode se restringir à demanda de significação dirigida ao saber inconsciente. É nesse sentido que, no caso dos novos sintomas, ela se configura como articulada ao traço identificatório ou ao objeto de gozo preferencial do sujeito. Ao personificar os novos modos e estilos de vida, os jovens estão em boas condições para exprimir, em seus sintomas e inquietações, o desencanto com o mundo em que prevalece a degradação dos significantes-mestres capazes de velar a verdade da *não-relação sexual*. Não basta diagnosticar a inexistência do Outro, é preciso admitir que a entrada triunfante do objeto *a* na cena do mundo trouxe consigo a contaminação, cada vez mais extensiva, do real da *não-relação* entre os sexos. Para Miller (2005, p. 14), a invenção própria da prática lacaniana que se mostra orientada pelo último ensino de Lacan deve tomar como ponto de partida fundamental o princípio de que “só há diferentes maneiras de falhar”.

A presença do ato analítico na contemporaneidade exige uma mudança de paradigma clínico, sobretudo no âmbito da transferência, na medida em que seu exercício passa a ser correlativo da dimensão do real que falha incessantemente. Com isso, quero dizer que a prática lacaniana deve instruir-se no terreno em que o impossível e as falhas no real se estendem de um modo que intensificam a descrença no saber sobre o caráter decifrável do sintoma, notadamente quando a decifração remete às mensagens do inconsciente.

Uma das questões com a qual o psicanalista se defronta no manejo da transferência concerne ao lugar para o *sujeito suposto saber*, em um mundo que, diante da presença desenfreada do “isso falha”, força o sujeito a responder com as *ficções-grampos* que se fabricam à revelia do saber decifrável do inconsciente. Se cada vez mais os sintomas se tornam um *affaire* de significante mestre (**S1**), é exigido do psicanalista um *suposto saber ler de outra forma* (LACAN, 1978), uma vez que é preciso *saber ler* a materialidade deste, isto é, em que o significante mestre se consubstancia na letra que produz o acontecimento de corpo. Diante da prevalência do sintoma cuja economia de gozo é o acontecimento de corpo, o núcleo da transferência desloca-se da suposição do saber decifrável para a *suposição de saber ler de outra forma* o sintoma.

Referências:

HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1969 sobre o psicanalista da Escola. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Trabalho originalmente publicado em 1967).

LACAN, J. Posição do Inconsciente. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966. (Trabalho originalmente publicado em 1964).

LACAN, J. *O Seminário*, livro 20: mais ainda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Trabalho originalmente publicado em 1973).

LACAN, J. *Le Séminaire, livre XXV*, Le moment de conclure, leçon du 10 janvier 1978, inédit.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. *Les temps hypermodernes*. Paris: Grasset, 2004.

MILLER, J.-A. *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2000. (Trabalho originalmente publicado em 2000).

MILLER, J.-A. L'introduction à l'érotique du temps. *La cause freudienne, Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 56, p. 63-85, mars. 2004.

MILLER, J.-A. *Un esferzo de poesía*. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2016. (Trabalho originalmente publicado em 2002-03).

MILLER, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 42, p. 7-18, fev. 2005. (Trabalho originalmente publicado em ???).

SANTIAGO, J. Transferência e acontecimento de corpo: suposto-saber-ler de outra forma. *Curinga, Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais*, n. 47, p. 47-60, jan/jun, 2019.